

PAULO ORÓSIO E O PROVIDENCIALISMO NO MARCO DO IMPÉRIO ROMANO

Maria Sonsoles Guerras
UFRJ

Abstract

This work makes part of the collective research of some professors and students of the History Department – Sector of Ancient and Medieval History – of UFRJ, who are financed by CNPq.

After making a brief biographical sketch of Paulo Orósio, contemporary of Agostinho from Hipona, we analyse the traces of the classical roman culture that can be found in his work: the authors who served as sources for him, Cicero's doctrine of classic historiography that he follows, and so on.

The second part contains an analysis of some facts from roman history which are, in the point of view of the author of the "Seven Books of History", a clear demonstration of how Providence has made use of the Roman World to start a new era: Christ is born during August's time, therefore these two events will be forever joint and the "Pax Romana" will be the very beginning of the "Pax Christi".

The objective of work is the analysis of Paulo Orósio's historical providentialism, for whom the Roman Empire is God's instrument for getting to the real Universal Christian Empire, according to Daniel's prophecy.

Este trabalho é parte integrante da pesquisa realizada por professores, alunos e alguns ex-alunos, bolsistas do CNPq, do Departamento de História do IFCS da UFRJ. A pesquisa, aprovada e financiada pelo CNPq, centraliza-se na releitura da historiografia pagã e cristã da Antigüidade Tardia.

O objetivo específico desta comunicação é apresentar parte do trabalho, já realizado, porém ainda não concluído, sobre Paulo Orósio. Qual o grau de consciência que ele possui frente ao acontecer histórico por ele vivenciado? É contemporâneo do "saque de Roma", de 410, por Alarico e sofre diretamente, como hispano, as consequências da irrupção dos germanos na Península Ibérica. Qual a sua visão do Império no início do século V? Na qualidade de historiador cristão, como ele analisa o contexto?

Pouco sabemos da vida de Paulo Orósio: o que ele mesmo nos transmite em sua obra **Os Sete Livros de História contra os Pagãos** e as notícias contidas em duas cartas de Santo Agostinho e uma carta de São Jerônimo.

Com relação ao lugar de nascimento há duas opiniões. Para uns seria Tarragona, cidade ibérica, à margem do Mediterrâneo. O fundamento para sustentar esta tese encontra-se nas palavras do próprio autor, quando na sua obra diz: "nossa Tarragona"¹. Para outros autores teria nascido em Braga, no litoral do Atlântico. As duas cartas de Santo Agostinho viriam em confirmação desta hipótese. Numa delas diz: "Chegou até mim desde o litoral do Oceano..." e na outra: "Chegou até mim desde o extremo de Hispânia, isto é, desde o litoral do Oceano..."².

Outro ponto obscuro é a data do nascimento. Santo Agostinho afirma na carta a São Jerônimo, no início do ano 415, referindo-se a Orósio: "... é jovem,... e filho pela idade". A palavra **jovem** encontra-se duas vezes no mesmo parágrafo. Igual expressão encontramos na carta pelo próprio São Agostinho, ao bispo Evódio, nos fins do mesmo ano de 415.

As cartas de Santo Agostinho, a que estamos fazendo referência, aludem, também, à estada de Paulo Orósio na África – junto ao bispo de Hipona – e até a uma viagem ao Oriente para encontrar-se com São Jerônimo, a pedido do próprio Agostinho. Os motivos não de todo explícitos como desejaríamos, os encontramos igualmente nas mesmas fontes. "Chegou até aqui Orósio ... quer combater as falsas e perniciosas doutrinas que assassinam as almas dos espanhóis com mais rigor que tombam seus corpos com a espada dos bárbaros ... Veio até mim esperando ouvir-me expor alguns pontos que deseja conhecer. Exortei-o a ir ao encontro de (Jerônimo) e ele recebeu com gosto meu conselho ou preceito ..." ³. Na carta escrita ao bispo Evódio, encontramos a mesma idéia: "... (Orósio) veio até mim movido tão somente pelo desejo de conhecer as Santas Escrituras. Este Orósio me fez algumas perguntas que o inquietavam sobre a heresia dos priscilianistas ..." Na carta de São Jerônimo, dirigida a Santo Agostinho, encontramos a confirmação da viagem ao Oriente: "Recebi, como ele merece e tu me pedias, o presbítero Orósio..." ⁴.

1 – Orósio, 1982: v. 2, 216.

2 – (1953:4655.529).

3 – (1953:465.529).

4 – (1962:756).

Se a leitura destes textos nos leva a crer que a viagem à África teve motivos religiosos e intelectuais, por outro lado, o próprio Paulo Orósio nos oferece uma versão diferente nas suas Histórias contra os Pagãos: "... quando falo de mim mesmo, por exemplo, que em um primeiro momento me vi frente aos bárbaros aos quais nunca vira antes [...] que os burlei quando me retinham e, finalmente que deles escapel, coberto por uma súbita neblina, quando me persegulam pelo mar ..." A mesma idéia se repete depois: "Eu que aproveito para fugir à primeira perturbação de uma situação turbulenta, seja do tipo que for ..." ⁵. Diante da leitura das duas versões, torna-se difícil saber qual foi a verdadeira causa da viagem.

Na África, a pedido de Santo Agostinho, redige sua grande obra **Os Sete Livros de História contra os Pagãos**. O fato do livro ter sido escrito a pedido do bispo de Hipona está explicitado várias vezes na própria obra. Por exemplo, no prólogo, encontramos seu testemunho pessoal com estas palavras: "Obedeci aos teus mandatos; bem-aventurado pai Agostinho. Ordenaste-me que escrevesse contra a vã maldade daqueles que, alheios à Cidade de Deus, são chamados pagãos ..., ordenaste-me que de todos os registros de histórias e anais que possam ser encontrados no momento presente, expusesse em capítulos breves e sistemáticos de um livro, tudo o que eu tivesse encontrado ..."

No fim do livro VII estão escritas estas palavras: "De acordo com o teu mandato, bem-aventurado pai Agostinho, mostrei o que aconteceu desde o começo do mundo até os nossos dias. Da qualidade da obra, tu que a ordenastes, julgarás; cabe a ti decidir se a publicas ou destróis" ⁶.

Depois de escrita a obra, após sua viagem à África e ao Oriente, novamente perdemos de vista Paulo Orósio e mais nada sabemos de sua vida.

Os traços de sua personalidade ficaram gravados na correspondência de Santo Agostinho: "... (Orósio) jovem piedoso, irmão na paz católica, filho por idade e co-presbítero por dignidade, aberto de engenho, fácil de palavra, forte nos desejos, aspira a ser útil na casa de Deus. Já colheu alguns frutos de sua viagem, ... ensine! quando me foi possível e, quando não pude, mostrei-lhe como aprender. Estava eu procurando a quem consultar e não encontrava, facilmente, um sujeito idôneo por sua fidelidade em negociar, pressa em obedecer e prática de peregrinar. Logo que conheci este jovem, não foi mais possível duvidar de que era tal qual eu o pedia a Deus". De "... jovem presbítero, santo e estudioso ..." ⁷ é chamado pelo mesmo Agostinho quando escreve ao bispo Evódio. São Jerônimo, respondendo a Agostinho, expressa os mesmos sentimentos: "Recebi ... o presbítero Orósio, varão digno de toda honra" ⁸.

Dos **Sete Livros de História contra os Pagãos** temos duzentos e quarenta e cinco manuscritos. As primeiras edições da obra são dos fins do século XV. Encontra-

5 (1982: v. 1, 236; v.2, 15).

6 (Ibid.: v. 1, 78; v.2, 281).

7 (1953:465,529).

8 (1966: 756).

mos, igualmente, edições nos séculos XVI e XVII. Depois não há edições até o século XX. As traduções são bem mais antigas: a primeira foi feita no século IX por ordem do rei anglo-saxão Alfredo. No século X a obra foi traduzida para o árabe encontrando-se o único exemplar existente na Biblioteca da Universidade de Colúmbia em Nova York. As traduções feitas modernamente para as mais variadas línguas são múltiplas.

O estudo das fontes da obra de Paulo Orósio é tema muito importante. Podemos afirmar sem temor que ele não é dos que, nos primórdios do Cristianismo, incompatibilizaram a cultura clássica e a cultura pagã, como Tertuliano, por exemplo. Pelo contrário, a sua valorização da cultura clássica se evidencia quando se verifica o número e a variedade dos autores citados no correr das páginas de sua *História*. O autor preferido parece ser Virgílio a quem cita quatorze vezes. Chama-o indistintamente: "poeta", "o maior dos poetas", "Virgílio" ou, simplesmente, omite-lhe o nome contentando-se com citar-lhe o texto por julgar que é conhecido de todos. Cornélio Tácito é nomeado nove vezes e Suetônio, sete. Outros autores clássicos, tanto historiadores como poetas, citados em menor número de vezes são: Pompeio Trogo, quatro; Justino, duas; Flávio Josefo, duas e Tito Lívio, Fanocles, Palefato, Homero ("famoso entre os melhores"), Tirteo, Fábio Pictor, Políbio, Eutrópio e Claudiano, uma vez. De Cornélio Tácito diz: "... narrou com grande exatidão". E, da opinião de Eutrópio, se permite discordar: "No ano 864 da fundação da cidade – embora Eutrópio diga que foi no ano de 850 ..."9.

Com referência às fontes cristãs, encontramos-as explicitadas em menor número, embora seu pensamento seja cristão e o objetivo único de sua obra, a defesa do cristianismo. A Bíblia aparece citada explicitamente sete vezes. Isto sem contar, naturalmente, todo o relato da vida do povo judeu antes da vinda do Cristo. O grande escritor Orígenes é citado apenas duas vezes. Todos estes dados nos falam, de forma clara e explícita, da grande cultura de Paulo Orósio, tanto mais admirável quanto se considera como Santo Agostinho que era "jovem".

Na leitura da *História* de Orósio encontramos ainda outros dados que nos ajudam a aprofundar mais o seu apreço pela cultura clássica. No livro 1 cap. 18, falando da mitologia grega, diz: "O ensino da escola se gravou também em nossa memória ...". Isto nos leva a pensar que Orósio era um romano culto, que freqüentava a escola e recitava os clássicos mais importantes. Palavras que encontramos repetidas várias vezes são: "professor" e "instrução". Assim, por exemplo, referindo-se ao imperador Juliano diz: "... ordenou num Edital que nenhum cristão fosse professor das artes liberais" e, na vida de Aurélio Alexandre, encontramos: "Sua mãe preocupou-se em receber instrução ..."10.

As bibliotecas são objeto de especial cuidado na obra de Paulo Orósio. Sente muito o que significa sua destruição. Tratando das batalhas de César no Egito, dá todo

9 – (1982: v.2, 197-8).

10 – (1982:239.210 respectivamente).

gênero de detalhes do desaparecimento da mais famosa biblioteca da Antigüidade, a de Alexandria: "As chamas ... destruíram quarenta mil livros que estavam nos edifícios próximos, os quais constituíam um grande testemunho dos estudos e inquietações dos antepassados porque reuniam muitas e ilustres obras de grandes talentos ...". Mais tarde, na época do imperador Cômodo, encontramos a mesma intensidade de sentimentos frente à destruição de outra grande biblioteca: "... no Capitólio caiu um raio, por cuja causa se levantou um incêndio que queimou em rápido movimento aquela famosa biblioteca construída com cuidado e o interesse dos antepassados"¹¹.

Parece-nos, assim, poder afirmar que Osório é na Antigüidade Tardia um digno expoente do Mundo Clássico pela valorização que ele faz da cultura romana.

Também é possível afirmar, até onde chegaram as nossas pesquisas, com relação à sua atitude de historiador frente à doutrina de Cícero sobre a maneira de se escrever história. A primeira lei é a "verdade". Paulo Orósio, embora não faça, como alguns clássicos, solene profissão de veracidade, em parte nenhuma de sua obra se esforça por demonstrar-nos que persegue a verdade como ideal. "Vou colocar-me nas mãos da crítica, embora com a esperança de salvar-me com a ajuda da verdade ..." "E, embora se possa acrescentar, ainda por nossa parte, outras provas deste tipo, igualmente dignas de ser contadas e inquestionáveis pela sua credibilidade ..." ¹².

No entanto, uma leitura um pouco mais profunda da obra de Paulo Orósio nos leva a constatar que, apesar de suas afirmações, ele não cumpre esta primeira lei da história estabelecida por Cícero: a verdade. A **História** de Osório é, melhor do que história, uma apologia do Cristianismo. Por isso, tudo está ordenado em função do objetivo primeiro. Não pode ser considerado falta de verdade. É apenas a resposta sincera do autor ao seu objetivo fundamental.

A segunda lei da historiografia clássica é a "brevidade". Esta sim, parece ser cumprida à perfeição pelo nosso autor. É por isso que torna difícil escolher entre as inumeráveis citações repetidas incansavelmente no decurso de toda a obra. "Resumirei agora brevemente ..." "Vou assinalar o mais brevemente possível ..." ¹³. "Para que me entreter em muitos detalhes?" "Passo por alto pelas freqüentes derrotas ..., passo por alto pelos tristes sucessos ... passo por alto pelas freqüentes barbáries ..." ¹⁴.

Outro cânone, cumprindo por Paulo Orósio, é a "ordem". "Dá-me a impressão de que quanto mais busquei a ordem, com maior desordem eu escrevi estas idéias". "Em vão vou explicar as guerras e quedas de tantos reis e reinos se antes não explico quem foram os reis e quais os reinos ..." ¹⁵. "Pelo que se refere a Jugurta, por motivos de ordem cronológica ..." ¹⁶.

11 - (Ibid.: 134.205).

12 - (Ibid.: v. 1, 143.103 respectivamente).

13 - (Ibid.: 146.193).

14 - (Ibid.: v.2, 264.261 respectivamente).

15 - (Ibid.: v.1, 201.244).

16 - (Ibid.: v.2, 44).

Mais uma lei clássica da história diz respeito à explicitação das causas e resultados. Também aqui, notamos o sentido do cumprimento por parte de Paulo Orósio. "Narrarei, na medida em que eu puder, as desgraças concretas de cada um dos povos, ... desde seus começos e de que forma e por que razões surgiram"¹⁷.

O retrato, ou a caracterização dos indivíduos, é outra norma não descuidada na obra do autor. Coloca, por exemplo, especial cuidado no tratamento dado aos imperadores. Assim, falando de Calígula, diz: "... o homem mais malvado de todos os que tinham vivido antes dele ..." No retrato de Nero, escolhe as trinta ainda mais negras: "Continuador e superador até do tio Calígula em todo tipo de vícios e crimes, excedeu-se em petulância, paixão, luxo, avaréza e crueldade". Segue, depois, explicitando com fatos reais e abundantes as diversas manifestações concretas do anteriormente dito. A figura de Tibério ganha outras palavras e expressões: "Tibério dirigiu pessoalmente o Estado com grande e serena medida, até o ponto de que a algum dos governadores que lhe haviam aconselhado que aumentasse os impostos nas províncias, escreveu respondendo que é próprio de um bom pastor amar o seu rebanho. O inimigo de Roma é tratado duramente: "Viriato, de origem lusitana, é pastor e bandoleiro. Aterrorizou na Hispânia a todos os romanos, pilhando primeiro os caminhos, assolando depois as províncias. Vencedor, desbaratou e pôs em fuga os exércitos de pretores e cônsules"¹⁸. Uma das grandes figuras da antigüidade, Alexandre Magno, foi assim descrita por Orósio: "Nestes dias nasceu Alexandre Magno, aquele grande e autêntico abismo de desgraças e atroz torvelinho de todo o Oriente". "Sua crueldade para com os parentes não foi menor do que a loucura manifestada contra os inimigos". "Alexandre nunca se saciava com sangue humano, fosse de inimigos ou de aliados. Sempre tinha sede de sangue novo"¹⁹.

Outra lei do gênero histórico é a inclusão de referências geográficas na obra histórica. Esse cânone ocupa lugar de destaque no conjunto da obra de Paulo Orósio. "É necessário, penso, que descreva em primeiro lugar o próprio orbe das terras habitadas pelo gênero humano ..." Afirma categoricamente que percorreu, na medida das próprias forças, as províncias e ilhas de todo o mundo e, por isso, toda sua obra histórica está repleta de descrições de fenômenos naturais (a terra e suas chuvas, ventos, mares, etc.) ou de catástrofes (terremos, inundações, etc.) ou simplesmente de povos e cidades. O capítulo 2 do livro 1 é a descrição de todo o universo e é o mais longo de toda a obra, com cento e seis versículos.

Há, ainda, mais um ponto em que nos parece poder afirmar que Paulo Orósio é romano clássico. Embora ele se proponha a escrever uma história universal, na verdade o que resulta é uma história do Império Romano ao redor do qual giram, de alguma maneira, todos os outros povos ou impérios. Roma é o centro de gravidade. É por isso que a cronologia se refere sempre à fundação de Roma. Inicialmente encontramos: "No ano 805 antes da fundação da cidade ..." "No ano 30 antes da fundação de Roma ..."

17 - (Ibid.: v. 1, 102).

18 - (Ibid.: v. 2, 180, 187, 176, 19 respectivamente).

19 - (Ibid.: v. 1, 208, 232).

A partir do livro II, os anos se contam depois da fundação da cidade, ou depois da fundação de Roma. Roma é a cidade por excelência, pelo que não tem possibilidade de se confundir com nenhuma outra. A história de Roma é também a mais extensamente tratada e com maior carinho e riqueza de detalhes. “Teremos que nos deter, antes de mais nada, na história dos romanos ...”²⁰. Diz no livro I e no início do V volta a insistir: “Os fatos romanos nos quais se centra o nosso tema são tão grandes que, com razão, ficam de lado os outros”²¹. Dos sete livros escritos somente o primeiro não trata da história de Roma e sim dos outros povos anteriores na ordem cronológica. A fundação de Roma encontra-se logo no início do livro II.

Tratamos de encontrar, até agora, em Paulo Orósio algumas reminiscências do clássico romano. Vejamos, agora, se há nele alguma mudança, algo que o diferencie dos autores e pensadores anteriores ao Império Romano; se foi afetado, de alguma forma, pelo momento histórico em que viveu, decisivo na história, do “saque de Roma” por Alarico. Na visão histórica contida nos **Sete Livros de História contra os Pagãos**, qual a versão do mundo romano que nos é transmitida?

Já no prólogo, o autor confessa, como profissão de fé, os pontos de diferença entre ele e os outros historiadores: “Tanto entre os gregos como entre os latinos, quase todos os escritores que propagaram com suas palavras as ações de reis e povos, começaram suas obras com Nino, filho de Belo, rei dos assírios ... Eu decidi contar o começo das desgraças humanas partindo do primeiro pecado humano. Desde Adão, o primeiro dos homens, até o rei Nino, “o Grande”, como é chamado, época em que nasceu Abrão, passaram 3184 anos, anos que foram omitidos ou ignorados por todos os historiadores”. Divide, assim, Paulo Orósio os períodos históricos em três etapas: 1^a) de Adão a Nilo, que é contemporâneo de Abrão; 2^a) de Nilo até César Augusto – o momento do nascimento de Cristo e 3^a) de César Augusto até seus dias.

O motivo pelo qual começa a história por Adão parece evidente: trata de encontrar o verdadeiro início da história universal, e, também, de descobrir na desobediência do primeiro homem à lei divina a chave que abre a fonte de todas as misérias e sofrimentos humanos. A inter-relação pecado-castigo é para Paulo Orósio a linha da evolução histórica. Assim concebe “... a história como uma unidade orgânica submetida a uma lei interpretativa: a partir do pecado de Adão o homem quebra seu pacto com Deus e todas as ações humanas posteriores, até a vinda de Cristo, estarão marcadas por essa separação entre Deus e o homem”²³.

Vemos, também, que nessa divisão cronológica estão associados Nino a Abraão e César ao nascimento de Cristo. Essa relação entre os personagens da história universal e a história de Cristo é outra das formas da evolução histórica do pensamento de Paulo Orósio. Na história de Roma o momento culminante será a época de Augusto, a “Pax Romana”. Para Paulo Orósio, isto não é devido somente às virtudes dos cidadãos romanos, nem sequer à própria obra de Augusto. É a obra da Providência de Deus, que

20 – (Ibid.: 114, 132, 130 respectivamente).

21 – (Ibid.: v.2, 23).

22 – (Ibid.: v.1, 82-3).

23 – (Ibid.: 25).

prepara o caminho para o verdadeiro Reino Universal e eterno cristão. Reino que é feito dentro dos próprios caminhos do Império Romano. O aparecimento de Cristo trará o início de novos tempos. O mito da Roma eterna pagã encontrará a sua verdadeira continuidade no Império Universal cristão. Roma não morre, continua na Roma cristã. Assim, Paulo Orósio está interpretando a clássica profecia de Daniel sobre os Impérios: "A culminação dos tempos virá com a dissolução do último dos impérios e a aparição de Oriente ao Ocidente, do Norte ao Sul e ao redor de todo o Oceano, ele mesmo fechou as portas do templo de Jano ... Naquela época, ou seja, no ano em que César conseguiu estabelecer por disposição de Deus, uma paz autêntica e durável, nasce o Cristo. Essa paz teve por objetivo favorecer a vinda de Cristo, em cujo nascimento os anjos fizeram os homens ouvir seu canto de júbilo: "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade". Nesse mesmo ano em que o próprio Deus se dignou mostrar-se e ser como homem, César, a quem Deus tinha predestinado para tão grandes mistérios, ordenou pela primeira vez que se fizesse um recenseamento de todas e cada uma das províncias e que fossem recenseadas todas as pessoas. Nessa época, pois, nasceu Cristo e imediatamente depois de nascer, foi inscrito no recenseamento romano. Essa declaração consagrou César como senhor universal e os romanos como donos do mundo; com essa declaração, Cristo quer dar-se a conhecer como homem e fazer-se contar entre eles. Tal privilégio, desde a criação do mundo, não tinha sido concebido nem ao primeiro babilônico, nem ao macedônico, para não citar outros menores ... e não há dúvida de que foi Cristo quem depois de fazer crescer esta cidade (Roma) e defendê-la levou-a ao ponto mais alto de seu poder. Isso foi feito assim porque Ele quis ser cidadão romano, em virtude de sua inscrição no recenseamento romano. Dado que chegamos ao momento em que Cristo iluminou este mundo com sua chegada e conseguiu para César um templo de paz, eu posso pôr fim a este livro ..."²⁴.

Foi citado anteriormente no próprio texto de Paulo Orósio o império babilônico, o macedônico e outros menores. Vale a pena neste ponto também, explicitar um pouco mais e ler as próprias palavras do autor. Torna-se igualmente necessário, visto que já nos tínhamos referido em outro momento à profecia de Daniel. Paulo Orósio abre o livro II com a explicação da teoria dos "Quatro Impérios" e sua aplicação ao Romano. No início do livro VII, volta ao mesmo tema, explicitando-o ainda mais.

Os autores antigos consideraram os quatro impérios como o assírio, o medo-persa, o macedônico e o romano. Paulo Orósio introduz algumas variações e os considera assim: o babilônico, o macedônico, o cartaginês e o romano. Eis em síntese, o pensamento de Paulo Orósio nesta teoria dos quatro impérios: Roma recolhe a herança de Babilônia e, depois de cruéis e terríveis confrontos com os impérios que ele considera intermediários: o macedônico e o cartaginês, consegue unificar todo o poder numa só pessoa, César Augusto, em cuja época o nascimento de Cristo inicia uma nova era. Depois de Cristo, a história se reduz a uma progressiva identificação entre o império

Romano e o Cristianismo (Neste ponto será bom lembrar, entre os retratos de diversas personagens, o de Alexandre Magno, o grande artífice do Império Macedônico). As palavras de Paulo Orósio explicitando esta idéia estão esparsas por toda a obra. Escolho, apenas, umas linhas do livro II, cap. 3, ver. 5-7.

Considero oportuno recordar ... que só Deus é quem dispôs a ordem dos tempos em favor, num momento dos babilônios, e finalmente, dos romanos e, que devemos à sua misericórdia, o fato de que existamos. Com efeito, eis que as origens de Roma e de Babilônia foram semelhantes, semelhantes em grandeza, semelhantes em duração, semelhantes em seus bens e seus males, no entanto não foi semelhante seu fim nem seu desaparecimento: Babilônia perdeu seu império, Roma o mantém, aquela foi órfã do seu rei, e esta se mantém firme com a vida do seu imperador. E isto por que? ... graças à religião cristã²⁵.

Um aspecto que não passa despercebido na leitura de Paulo Orósio é a valorização que é dada aos godos, ou visogodos, dentro do quadro geral dos bárbaros. Podemos acompanhar sua história na obra do autor: "Os hunos, excitados agora por uma repentina loucura, levantaram-se contra os godos e, depois de apossá-los, os expulsaram dos seus antigos lares. Os godos, depois de atravessar o Danúbio, fugindo, foram recebidos por Valente ..." "Alarico e todo o povo godo pediam com humildes súplicas uma paz digna e uns lugares para viver". (Teodósio) "concluiu um tratado com o rei godo Atanarico. Porém Atanarico morreu e todos os povos godos, depois da morte do seu rei, se entregaram ao poder romano ao experimentar o valor e a benignidade de Teodósio". "Morto o Augusto Valentiniano, foi nomeado ousadamente um usurpador a quem, depois, impõem o nome de imperador: um homem bárbaro, porém cheio de coragem, de bom sentido, de força, de audácia, de poder. Reuniu muitas e invictas tropas das guarnições romanas e das tropas auxiliares bárbaras". "... depois os bárbaros, desprezando as armas se dedicaram à agricultura e respeitam aos romanos pouco menos do que como aliados e amigos"²⁶.

O próprio "saque de Roma" de Alarico, de 410, de memória inesquecível para os romanos, não parece ser tão trágico na visão de Paulo Orósio: "Apresenta-se Alarico que acredita, aterroriza e invade a temerosa Roma, embora ele tivesse dado ordem aos seus, com antecedência, que não incomodassem a todos aqueles que se refugiassem em lugares sagrados e que, na medida do possível, se abstivessem de derramar sangue, entregando-se, apenas, ao botim"

Alarico deu ordem para que os vasos sagrados fossem levados até a basílica do Apóstolo". "Três dias depois de ter entrado na cidade, foram-se embora espontaneamente, provocando o incêndio de alguns edifícios. Porém nunca este incêndio foi tão grande como aquele do ano 700 da fundação da cidade"²⁷.

25 – (Ibid.: v.1, 103).

26 – (Ibid.: v.2,246.266.249.253.274).

27 – (Ibid.: 268-9).

Não há comparação possível entre este quadro pintado por Orósio relativo a Alarico e a descrição do assalto a Roma feito por gauleses: "Os gauleses penetram na cidade sem defesa, matam os senadores, queimam as casas, ... provocam fome, peste, desespero e medo aos desafortunados sobreviventes e, posteriormente, os submetem e os obrigam a pagar um resgate por eles mesmos. Quando os gauleses foram embora, o horror enchia os ânimos, ... e os romanos pensaram e até tentaram trocar de lugar, fundar outra fortaleza e até chamar-se com outro nome"²⁸.

Por que estes quadros valorizando as virtudes dos godos, que são bárbaros e não romanos? Como explicar as diferenças que sentimos da invasão de Roma pelos gauleses e pelos godos de Alarico? Em primeiro lugar pode-se interpretar como uma resposta aos interrogantes colocados, tanto por pagãos como por cristãos, diante do "saque de Roma" que, apesar das apreciações de Paulo Orósio, foi sempre visto na história como a queda ou fim de Roma ou, ao menos, a queda de um mito. Os **Sete Livros da História contra os Pagãos** responderão que Roma sofreu mais em outras épocas, que os godos não foram tão terríveis como os gauleses, que respeitaram as pessoas, enfim, que Roma continuava viva, e que, se os outros Impérios anteriores a ela foram dominados e vencidos por ela, ela, Roma, continua sendo Roma. Esta resposta seria válida tanto para cristãos como para pagãos, pois todos podem entender, cada um ao seu modo, a perenidade de Roma.

Paulo Orósio quis dar uma resposta, ainda mais direta, aos cristãos e julgamos encontrá-la poucas linhas após a descrição do "saque de Roma" propriamente dito: "... romanos e bárbaros, unidos num só coro, cantam publicamente um hino a Deus. O som da trombeta da salvação ecoa em todos os cantos da cidade"²⁹.

Paulo Orósio contempla já uma antevisão de uma nova era, do Império Universal Cristão, de que fala a profecia de Daniel. Os bárbaros cristianizados são parte integrante da nova Cidade Eterna. O autor capta toda a força histórica do momento que está vivendo. Sabe que a Providência Divina, Deus, colocou o Império Romano, com toda a sua grandeza e esplendor, como o caminho a ser seguido para se chegar ao verdadeiro Império, querido por Deus, desde o início dos tempos. Roma foi a primeira protagonista, a imprescindível, desta nova era. O mito da Roma Eterna tem, para Paulo Orósio, uma personagem que o sustenta e perpetua, a Providência, e está composto este mito com diversas peças: são as sobrevivências e as mudanças que caracterizam o acontecer histórico do início do século V.

28 – (Ibid.: v. 1, 186-7).

29 – (Ibid.: v.2, 268).

INDICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

OBRA GERAL

ANDRE, J. M. **La historia en Roma**. Buenos Aires, Siglo XXI, 1975.

TEXTOS

AGUSTIN, San. **Obras**. Madrid, BAC, 1953. v.11.

BÍBLIA SAGRADA. Petrópolis, Vozes, 1982.

JERÓNIMO, San. **Cartas**. Madrid, BAC, 1962. v.2.

OROSIO. **Historias**. Madrid, Gredos, 1982. 2 v.